

E DA NOITE SE FEZ DIA... ALUMIAR EM PERÍODO ISLÂMICO

Recebido: 24 de Abril de 2017 / Aprovado: 29 de Dezembro de 2018

Sandra Cavaco¹ e Jaquelina Covaneiro²

Câmara Municipal de Tavira

Maria Catarina Coelho³, Ana Sofia Gomes⁴ e Isabel Inácio⁵

Direcção Geral do Património Cultural

Jacinta Bugalhão⁶

Direcção Geral do Património Cultural/UNIARQ

Isabel Cristina Fernandes⁷

Museu Municipal de Palmela / CIDEHUS-UÉ / IEM-NOVA

Susana Gómez⁸

Campo Arqueológico de Mértola/Universidade de Évora

Maria José Gonçalves⁹

Câmara Municipal de Silves

Marco Liberato¹⁰

Arqueólogo

Constança dos Santos¹¹

Arqueóloga

Helena Catarino¹²

Universidade de Coimbra

Grupo de Trabalho CIGA – Cerâmica Islâmica do Ġarb al-Andalus^{13*}

Centro de estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património (CEAACP)

1 scavaco@cm-tavira.pt

2 jcovaneiro@cm-tavira.pt

3 catgcoelho@gmail.com

4 agomes@dgpc.pt

5 isabelminacio@gmail.com

6 jacintabugalhao@gmail.com

7 isacrisff@gmail.com

8 susanagomez@sapo.pt

9 maria.goncalves@cm-silves.pt

10 marcoliberato@hotmail.com

11 constancavs@gmail.com

12 hcatarino@fl.uc.pt

13 ciga.portugal@gmail.com

* Tratamento e unificação dos desenhos: Nélia Romba

“No Algarve aparecem com frequencia candeias arábicas de barro, que lembrão as lucernas romanas; mas, além de terem o bico (latim *myxa*) mais comprido, semelhante a um bico de pato, e a asa mais desenvolvida que as romanas têm também mais alta, e de forma de gargallo, a parte por onde se deitava o liquido” (Vasconcellos, 1915: 37).

Resumo

Os últimos anos foram decisivos nos estudos sobre a cerâmica islâmica em Portugal, não apenas pelo volume de materiais descobertos como pela quantidade de publicações disponíveis. Embora as lacunas ainda sejam significativas, em especial no que diz respeito aos períodos mais recuados, o tema adquiriu uma grande abrangência territorial, com um considerável número de sítios a permitir um enquadramento cronológico fiável. Neste artigo, tratamos os objectos de iluminação, propondo um ensaio de abordagem crono-tipológica para estas formas no actual território português.

Palavras-chave: iluminação; período islâmico; Ġarb al-Andalus.

Abstract

The last years were determinant in the flourishing of studies about Islamic pottery in Portugal, visible in the large quantities of materials from archaeological surveys and the available publications. Though the omissions are still significant, especially concerning the earlier periods, the subject has acquired a remarkable territorial expression. The study of a representative number of locations is leading to the definition of a reliable chronological context. In this paper, we propose a chronological and typological approach for the lighting forms in the Portuguese territory.

Keywords: lighting; Islamic Period; Ġharb al-Andalus.

Introdução

Nas duas edições anteriores destes encontros (Gonçalves *et al.*, 2015; Coelho *et al.*, 2019) apresentámos propostas crono-tipológicas das formas abertas do período islâmico no actual território português. Neste encontro optámos pela sistematização das formas relacionadas com a iluminação.

Desde tempos imemoriais que o homem combate as trevas com o fogo, sendo a iluminação artificial uma das mais importantes criações humanas, uma vez que permite dilatar os limites do dia. A iluminação, durante a noite ou em espaços fechados, tem sido uma necessidade humana desde os tempos primordiais. Às primeiras soluções, baseadas no fogo e na chama, sucederam-se outras, tecnicamente mais sofisticadas, denunciando o crescente domínio das matérias-primas e da capacidade para as transformar. O reconhecimento das gorduras (animais e vegetais) como potencial combustível, e a invenção do pavio, terão sido um passo decisivo neste processo histórico.

O recurso a contentores de fogo permitiu um maior controlo deste importante elemento, possibilitando que a iluminação se tornasse “portátil”. Em tempos mais recuados, recorreu-se à reutilização de materiais disponíveis na natureza, como pequenas lajes afeiçoadas e conchas, bem como à utilização de recipientes com funções primárias distintas. Os primeiros objetos de iluminação deliberadamente fabricados para esta função remontam à Idade do Bronze e à Idade do Ferro. A transformação do sebo e da cera em velas é decerto uma realidade milenar.

Para o período islâmico conhecem-se quatro séries de objectos destinadas a iluminar: o candil, a candeia, a lanterna e a almenara. Independente do seu tipo ou da sua morfologia, o modo de funcionamento está baseado na combustão de gordura,

sobretudo vegetal, permitindo uma luminosidade clara e duradoura, muito devido à combustão lenta do azeite, sendo que a simples adição de uns grãos de sal grosso, absorvendo o excesso de água, produz uma chama regular, nítida e silenciosa (Zozaya Stabel-Hansen, 2007: 125).

A criatividade que aos poucos se tem vindo a constatar no repertório cerâmico, especialmente nos contextos almóadas do Sul de Portugal, permite suspeitar que as tipologias associadas a estas séries cerâmicas estão muito longe de serem definitivas.

Candil

A palavra candil deriva da palavra árabe *qandil*, a qual para uns autores é um helenismo (Rosselló Bordoy, 1991: 149), defendendo outros que procede do término latino *candela*, do qual também provém a palavra candeia (Gómez Martínez, 2006: 276). Frequentes em contextos islâmicos, os candis são receptáculos de azeite utilizados na iluminação doméstica, conhecendo-se dois tipos principais.

O primeiro consiste numa forma fechada, constituída por um reservatório (que continha o azeite), colo (por onde se introduzia o combustível), bico (onde se colocava o pavio) e uma asa para facilitar o manuseamento (Serrano, 2011: 56-57).

Este tipo é o mais antigo e frequente, surgindo em época emiral, desenvolvendo-se no decurso do período califal, tendo atingido o seu auge durante a época almorávida/almóada. A evolução morfológica deste tipo está intimamente ligada à dicotomia diâmetro do reservatório/comprimento do bico: os mais antigos apresentam reservatórios grandes e bicos pequenos, morfologia que os aproxima das antecedentes lucernas romanas, enquanto os mais recentes possuem bicos maiores e reservatórios menores. Verifica-se, pois, que os mais antigos

apresentam bicos muito pequenos, amendoados, a que se sucedem candis com bico em forma de cauda de pato, evoluindo, no século IX, para bicos lanceolados (Zozaya Stabel-Hansen, 2007: 130). A evolução prossegue com o seu alargamento, fazendo lembrar uma “orelha de mula” (segunda metade do século IX), uma “orelha de lebre” (primeiro quartel do século X), sendo que começam a desenvolver paredes facetadas. No período de taifas, as cinco facetas criam uma “forma de barca”, voltando a afilar-se no período almorávida e, por último, no almóada os bicos são largos e profundos, apresentando-se facetados (Zozaya Stabel-Hansen, 2007: 130).

No que concerne aos acabamentos, verifica-se uma diversidade que passa dos alisados (I.33) aos vidrados (I.67 a I.78), passando pelos engobes (I.14 a I.16) e aguadas (I.33). Relativamente à ornamentação, estão presentes as mais variadas técnicas, nomeadamente, incisão (I.36), pintura [a branco (I.18), preto (I.17) e

vermelho (I.26, I.39)] e corda seca parcial (I.54 a I.66), bem como o vidrado parcial (I.49 a I.53), o verde e manganés (I.69) e os pingos de vidrado (I.40 a I.48).

O segundo tipo, os candis de disco impresso (I.79 a I.85), surgem em época almóada e assemelham-se às lucernas de períodos anteriores, facto que levou a que inicialmente se considerassem como elementos de transição entre a romanidade e o período islâmico (Zozaya Stabel-Hansen, 1999: 261).

Vidrados essencialmente a verde ou melado, estes candis eram produzidos a molde. Apresentam forma geralmente circular, corpo troncocónico ou cilíndrico, base plana, face superior com pequeno orifício para introduzir o azeite no reservatório, asa vertical circular e bico de canal de secção em U. Os exemplares que se conhecem são profusamente ornamentados, com motivos variados executados por impressão.

Descrição dos exemplos utilizados (Figs n.º 1 a 3):

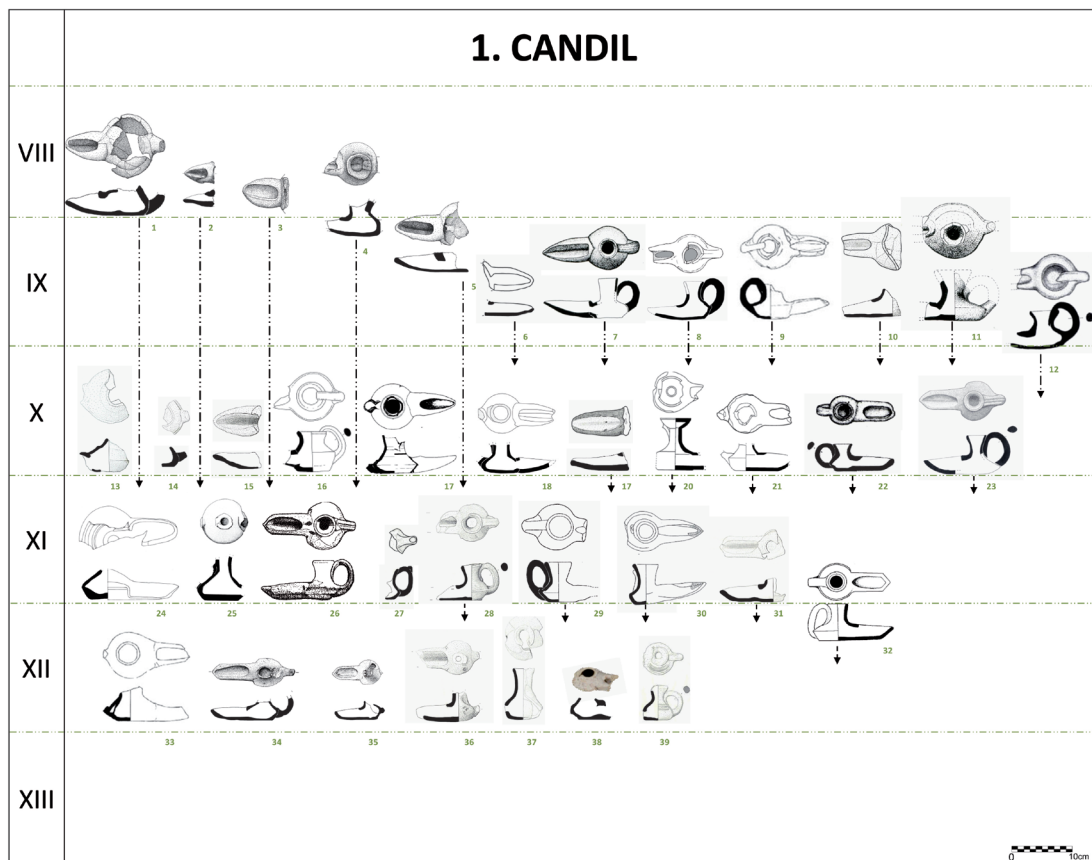


Fig. 1 - Evolução do candil (n.º 1.1 a 1.39).

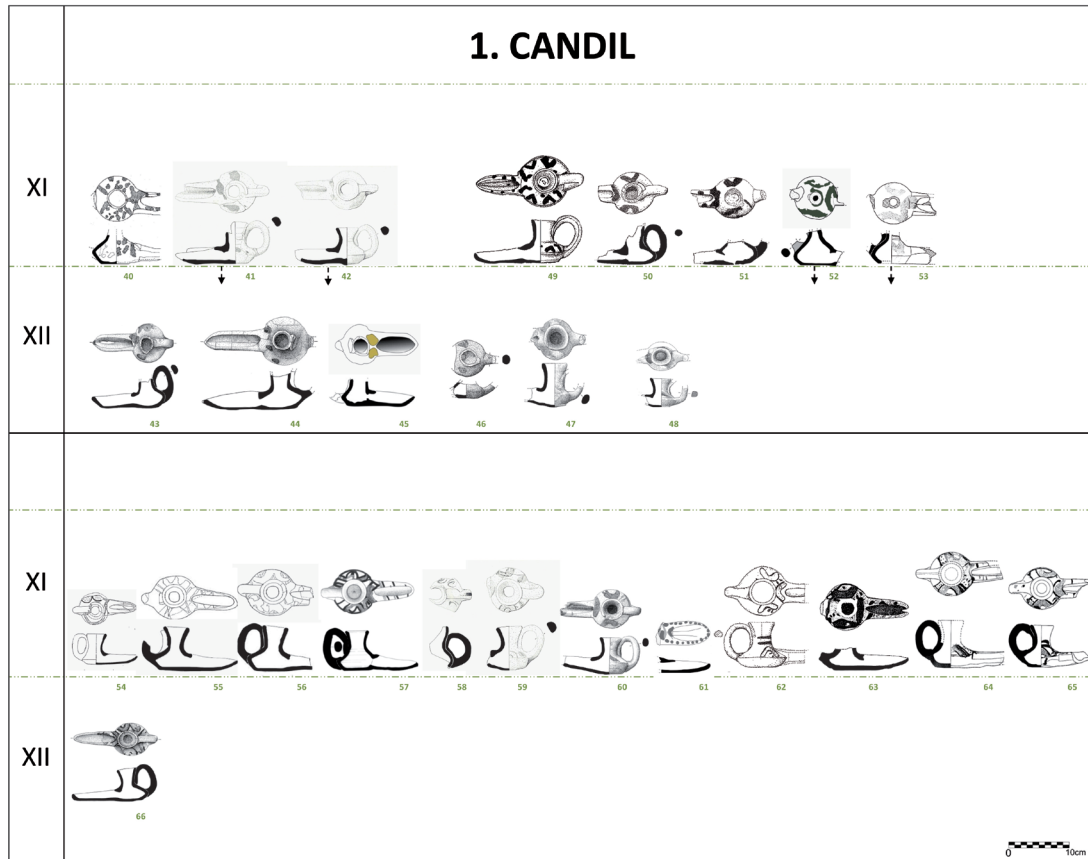


Fig. 2 – Evolução do candil (n.º 1.40 a 1.66).

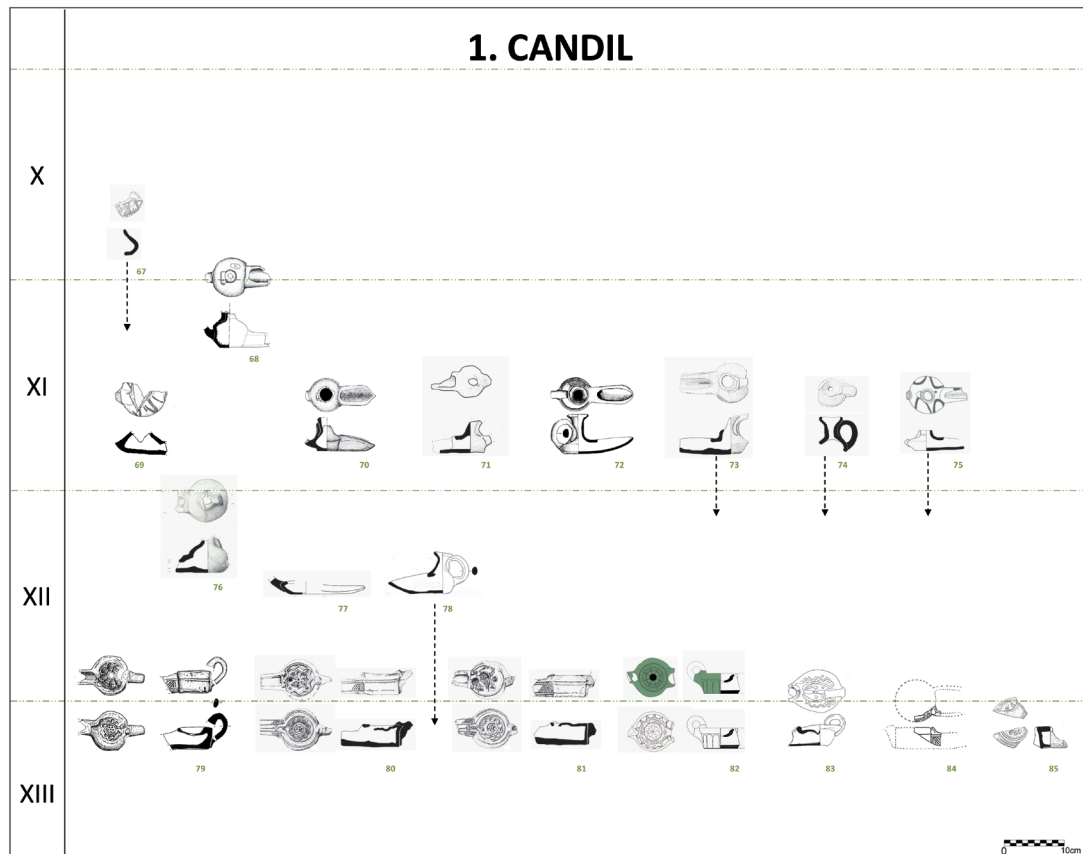


Fig. 3 – Evolução do candil (n.º 1.67 a 1.85).

- 1.1. Cerâmica comum. Séculos VIII-XI. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 504).
- 1.2. Cerâmica comum. Séculos VIII-XI. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 489).
- 1.3. Cerâmica comum. Séculos VIII-XI. Silves, Almarjão (Gomes, 2002: 146).
- 1.4. Cerâmica comum. Séculos VIII-XI. Silves, Almarjão (Gomes, 2002: 146).
- 1.5. Cerâmica comum. Séculos VIII-XI. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 504).
- 1.6. Cerâmica comum. Séculos IX-X. Alcoutim, Castelo Velho (Catarino, 1997/98: 1141).
- 1.7. Cerâmica comum. Séculos IX-X. Alcácer do Sal (Carvalho, Faria, 1994: 106).
- 1.8. Cerâmica comum. Séculos IX-X. Coimbra, Beco das Condeixiras (Silva, 2014: 84).
- 1.9. Cerâmica comum. Séculos IX-X. Lisboa, Encosta de Sant'Ana (Calado e Leitão, 2005: 466).
- 1.10. Cerâmica comum. Séculos IX-X. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 647).
- 1.11. Cerâmica comum. Séculos IX-X. Palmela, Castelo (Fernandes e Carvalho, 1993, Est.8).
- 1.12. Cerâmica comum. Finais do século IX - inícios século X. Penafiel, Croca (Barroca e Santos, 2006: 313).
- 1.13. Cerâmica comum. Século X. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 648).
- 1.14. Cerâmica comum com engobe bege. Século X. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 648).
- 1.15. Cerâmica comum com engobe bege. Século X. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 648).
- 1.16. Cerâmica comum com engobe claro. Século X. Silves (Kemnitz, 1993/94: 436).
- 1.17. Cerâmica comum com pintura a branco. Século X. Mértola, Alcáçova (Gómez Martínez, 2006, CR/CF/0016).
- 1.18. Cerâmica comum. Século X. Santarém, Avenida 5 de Outubro (peça inédita, cortesia de Marco Liberato e Helena Santos).
- 1.19. Cerâmica comum com pintura a negro. Séculos X-XI. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 648).
- 1.20. Cerâmica comum. Séculos X-XI. Chaves, Quinta do Raio X (Carneiro e Gomes, 2005: 163).
- 1.21. Cerâmica comum. Séculos X-XI. Chaves, Quinta do Raio X (Carneiro e Gomes, 2005: 163).
- 1.22. Cerâmica comum. Séculos X-XI. Tavira, Balsa (Paulo, 2009: 591).
- 1.23. Cerâmica comum. Séculos X-XI. Beja, Praça da República (Pinto, 2007: 528).
- 1.24. Cerâmica comum. Século XI. Lisboa, NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007: 339 e 342, n.º 2985).
- 1.25. Cerâmica comum. Século XI. Lisboa, NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007: 338 e 342, n.º 3279).
- 1.26. Cerâmica comum com pintura a vermelho. Século XI. Faro, Quintal da Judiçária (Gamito, 2007: 140).
- 1.27. Cerâmica comum. Século XI. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 650).
- 1.28. Cerâmica comum. Séculos XI-XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 651).
- 1.29. Cerâmica comum. Séculos XI-XII. Alcoutim, Castelo Velho (Catarino, 2008: 46).
- 1.30. Cerâmica comum. Séculos XI-XII. Alcoutim, Castelo Velho (Catarino, 1997/98: 1143).
- 1.31. Cerâmica comum. Séculos XI-XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 650).
- 1.32. Cerâmica comum alisada. Segunda metade do século XI - século XII. Mértola, Encosta do Castelo (Gómez Martínez, 2014: 420).

- 1.33. Cerâmica comum com aguada. Século XII. Lisboa, Encosta de Sant'Ana (Calado, Leitão, 2005: 467).
- 1.34. Cerâmica comum. Século XII. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 384).
- 1.35. Cerâmica comum. Século XII. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 302).
- 1.36. Cerâmica comum incisa. Século XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 652).
- 1.37. Cerâmica comum. Século XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 652).
- 1.38. Cerâmica comum. Século XII. Tavira, Convento da Graça (Cavaco e Covaneiro, 2016: estampa XXIII).
- 1.39. Cerâmica comum pintada a vermelho. Século XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 652).
- 1.40. Cerâmica comum com pingos de vidro verde. Século XI. Mértola, Câmara Municipal (Gómez Martínez, 2014: 419).
- 1.41. Cerâmica comum com pingos de vidro verde. Séculos XI-XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 651).
- 1.42. Cerâmica comum com pingos de vidro verde. Séculos XI-XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 651).
- 1.43. Cerâmica comum com pingos de vidro verde. Século XII. Silves, Arrochela (Gomes, 2011: 220).
- 1.44. Cerâmica comum com pingos de vidro verde. Século XII. Silves, Arrochela (Gomes, 2011: 220).
- 1.45. Cerâmica comum com pingos de vidro melado. Século XII. Mértola, Arrabalde (Gómez Martínez, 2016: 192).
- 1.46. Cerâmica comum com pingos de vidro castanho. Século XII. Silves, Arrochela (Gomes, 2011: 41).
- 1.47. Cerâmica comum com pingos de vidro verde. Século XII. Silves, Arrochela (Gomes, 2011: 58).
- 1.48. Cerâmica comum com pingos de vidro verde. Século XII. Silves, Arrochela (Gomes, 2011: 58).
- 1.49. Cerâmica vidrada parcial (verde). Século XI. Faro, Quintal da Misericórdia (Gamito, 2007: 137).
- 1.50. Cerâmica vidrada parcial (melado). Século XI. Évora (Filipe, 2015: 89).
- 1.51. Cerâmica vidrada parcial (verde). Século XI. Évora (Filipe, 2015: 89).
- 1.52. Cerâmica vidrada parcial (verde). Séculos XI-XII. Lisboa, Hotel de Santa Justa (imagem inédita, cortesia Victor Filipe).
- 1.53. Cerâmica vidrada parcial (melado). Séculos XI-XII. Lisboa, NARC (Bugalhão e Folgado, 2001: 137).
- 1.54. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Alcoutim, Castelo Velho (Catarino, 1988: Est. XV. 1).
- 1.55. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Alcoutim, Castelo Velho (Catarino, 1997/98: 1125).
- 1.56. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Alcoutim, Castelo Velho (Catarino, 1997/98: 1125).
- 1.57. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Mértola, Alcáçova (Torres, 1987: nº 27).
- 1.58. Cerâmica vidrada em corda seca parcial e pintura a manganês. Século XI. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 649).
- 1.59. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 649).
- 1.60. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Silves, Arrochela (Gomes, 2011, 291).

- 1.61. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Santarém, Avenida 5 de Outubro (cortesia de Marco Liberato e Helena Santos).
- 1.62. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Évora, Largo Conde de Vila Flor (Teichner, 1998: 25).
- 1.63. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Moura, Castelo (Macias, 1993: 133).
- 1.64. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Vilamoura, Cerro da Vila (Matos, 1991: 450).
- 1.65. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XI. Vilamoura, Cerro da Vila (Matos, 1991: 450).
- 1.66. Cerâmica vidrada em corda seca parcial. Século XII. Silves, Torre Albarrã (Gomes, 2006: 100).
- 1.67. Cerâmica vidrada a melado com motivos a manganês. Séculos X-XI. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 649).
- 1.68. Cerâmica vidrada a melado. Séculos X-XI. Lisboa, NARC (Bugalhão e Folgado: 2001, 136).
- 1.69. Cerâmica vidrada a verde e manganês. Séculos X-XI. Lisboa, NARC (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005: 246).
- 1.70. Cerâmica vidrada a melado. Inícios do século XI. Mértola, Casa de Rui Bento (Gómez Martínez, 2014: 420).
- 1.71. Cerâmica vidrada a melado. Século XI. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 649).
- 1.72. Cerâmica vidrada a melado. Meados do século XI. Mértola, Alcáçova (Torres, 1987, n.º 28).
- 1.73. Cerâmica vidrada a melado. Séculos XI-XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 650).
- 1.74. Cerâmica vidrada a melado. Segunda metade do século XI - século XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 651).
- 1.75. Cerâmica vidrada a melado com motivos a manganês. Séculos XI-XII. Alcoutim, Castelo Velho (Catarino, 1997/98: 1124).
- 1.76. Cerâmica vidrada a melado. Séculos XII-XIII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 652).
- 1.77. Cerâmica vidrada a melado. Séculos XII ou XII-XIII. Alcoutim, Castelo das Relíquias (Catarino, 1997/98: 1161).
- 1.78. Cerâmica vidrada a melado. Século XII. Faro (Kemnitz, 1993/94: 456).
- 1.79. Cerâmica modelada, vidrada a castanho. Finais do século XII - primeiro quartel do século XIII. Alcácer do Sal (Paixão e Carvalho, 2001: 227).
- 1.80. Cerâmica modelada, vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 36).
- 1.81. Cerâmica modelada, vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Portimão, Alvor (Gomes, 2003: 36).
- 1.82. Cerâmica modelada, vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Mértola, Bombeiros Voluntários (Gómez Martínez, 2014: 421).
- 1.83. Cerâmica modelada, vidrada a melado. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Proveniência desconhecida (Kemnitz, 1993/94: 445).
- 1.84. Cerâmica modelada, vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Mértola, Encosta do Castelo (Gómez Martínez, 2006: CR/CF/0050).
- 1.85. Cerâmica modelada, vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 652).

Candeia

No período almóada, difunde-se no al-Andalus uma nova forma de iluminação: a candeia. Convive durante algum tempo com o candil e substituiu-o quase por completo nos inícios do século XIII, sendo utilizada até à Época Moderna (Gonçalves *et al.*, 2007: 645; Serrano, 2011: 61).

Formalmente são de uma enorme simplicidade, apresentando base plana, corpo troncocónico invertido e um bico pinçado (2.1 a 2.7) (Fig. 4), podendo ter (2.1 a 2.5) ou não (2.6 e 2.7) uma pequena asa. Conhecem-se ainda exemplares de corpo cilíndrico e bico rectangular (2.8, 2.9, 2.13 a 2.16), sendo que alguns exemplares apresentam um apêndice central (2.11 a 2.13 e 2.16), geralmente cónico, onde se enroscaria a torcida. Este apêndice assemelha-se aos existentes nas lanternas, não sendo despiciendo que estas candeias utilizassem combustível sólido (cera), à semelhança do que acontece nas lanternas (Serrano, 2011: 77-78).

Nos inícios do século XIII surge a candeia de pé alto (2.17 a 2.28). O pé permitia o aumento da área iluminada sem que fosse necessária a colocação da candeia num sítio mais elevado (Serrano, 2011: 64). Considerando a sua maior complexidade morfológica, esta variante seria mais onerosa que a vulgar candeia, tornando a segunda mais abundante que a primeira, ainda que ambas sejam frequentes nos níveis almóadas do Ġarb (Gómez Martínez, 2000: 427; Serrano, 2011: 64, 85). Seriam também mais frágeis, pelo que se encontram documentados fragmentos isolados do reservatório (2.25 e 2.26) ou do pé (2.27 e 2.28).

Independentemente da tipologia, verifica-se que as candeias são maioritariamente vidradas, sobretudo a verde (2.5, 2.9, 2.11 a 2.16, 2.20, 2.22, 2.24, 2.26) ou a melado/castanho (2.1 a 2.4, 2.10, 2.17 a 2.19, 2.21, 2.23, 2.25, 2.27, 2.28), ainda que se

conheçam exemplares vidrados a branco (2.8) e sem vidrado (2.6 e 2.7).

Descrição dos exemplos utilizados (Fig. 4):

- 1.86. Cerâmica vidrada a melado. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Mértola, Alcáçova (Torres, 1987: nº 30).
- 1.87. Cerâmica vidrada a castanho no interior. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 653).
- 1.88. Cerâmica vidrada a castanho. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Silves, Arrochela (Gomes, 2011: 114).
- 1.89. Cerâmica vidrada a melado. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Tavira, Arrabalde da Bela Fria (Cavaco, 2011: Estampa VII).
- 1.90. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Cacela Velha, Largo da Fortaleza (Garcia, 2015: 153).
- 1.91. Cerâmica comum. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Silves, Arrochela (Gomes, 2011: 90).
- 1.92. Cerâmica comum. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Faro, Quintal da Judiciária (Gamito, 2007: 141).
- 1.93. Cerâmica vidrada a branco. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Mértola, Alcáçova (Torres, 1987: nº 29).
- 1.94. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Salir, Castelo (Catarino, 1997/98: 1187).
- 1.95. Cerâmica vidrada a melado e estampilhada. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Silves, Arrabalde (Gonçalves, Pires e Mendonça, 2007: 653).
- 1.96. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século

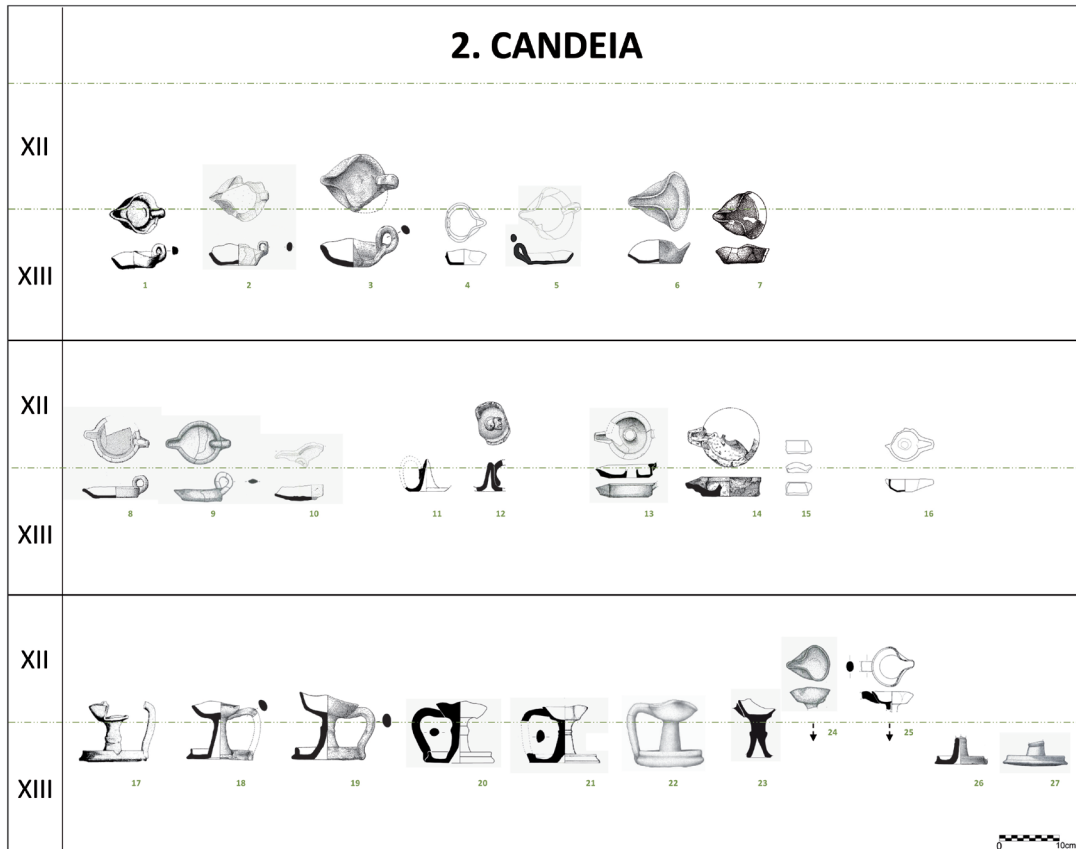


Fig. 4 - Evolução da candeia (n.º 2.1 a 2.27).

XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Mértola, Alcáçova (Gómez Martínez, 2014: 422).

1.97. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século

XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 334).

1.98. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século

XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Alcácer do Sal, Castelo (Carvalho e

Faria, 1994: 107).

1.99. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século

XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 242).

1.100. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século

XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Tavira, Arrabalde da Bela Fria (Cavaco,

2011: Estampa VII).

1.101. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século

XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Tavira, Arrabalde da Bela Fria (Cavaco,

2011: Estampa VII).

1.102. Cerâmica vidrada a melado. Finais do

século XII - primeiras quatro décadas do

século XIII. Mértola, Alcáçova (Torres, 1987:

n.º 31).

1.103. Cerâmica vidrada a castanho. Finais do

século XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Silves, Arrochela (Gomes, 2011: 114).

1.104. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século

XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 242).

1.105. Cerâmica vidrada a melado. Finais do

século XII - primeiras quatro décadas do

século XIII. Tavira, Convento da Graça

(Diniz, Covaneiro e Cavaco, 2012: 175).

1.106. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século

XII - primeiras quatro décadas do século

XIII. Cacula Velha, Poço Antigo (Álvaro

Sánchez, 2000: Lâmina II).

1.107. Cerâmica vidrada a melado. Finais do

século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Beja, Rua do Sembrano (Casmarrinha, 2013: 166).

século XIII. Tavira, Convento da Graça (Cavaco, Covaneiro, 2016: Estampa XXIII).

I.108. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Tavira, Convento da Graça (Cavaco e Covaneiro, 2016: Estampa XXIII).

I.109. Cerâmica vidrada a melado. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Salir, Castelo (Catarino, 1997/98: 1187).

I.110. Cerâmica vidrada a verde. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Mértola, Alcáçova (Gómez Martínez, 2006: CR/CF/0049).

I.111. Cerâmica vidrada a castanho. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do século XIII. Silves, Alcáçova (Gomes, 2003: 283).

I.112. Cerâmica vidrada a melado. Finais do século XII - primeiras quatro décadas do

Lanterna

Utilizada na iluminação de espaços abertos, a lanterna apresenta asa zenital separada da base convexa por um corpo globular com abertura frontal semicircular. Esta abertura permitia o acesso à chama, que se encontrava resguardada do vento pelo corpo fechado (Gómez Martínez, 2000: 429-430). Poderia, ou não, ser dotada de apêndice cónico no seu interior, onde se enrolava a mecha e o combustível sólido (cera), conhecendo-se exemplares no Sharq al-Andalus com pequenos orifícios na parte superior (Gómez Martínez, 2006: 440).

Descrição dos exemplos utilizados (Fig. 5):

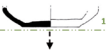


	3. LANTERNA		4. ALMENARA
VIII		VIII	
IX		IX	
X		X	
XI		XI	
XII		XII	
XIII		XIII	

Fig. 5 - Lanterna e almenara.



- I.II3. Cerâmica comum. Séculos X/XI. Lisboa, NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007: 338 e 342, n.º 71).
- I.II4. Cerâmica comum com aplicações plásticas, linhas onduladas incisadas e pintura a branco. Segunda metade do século XII - primeira metade do século XIII. Mértola, Alcáçova (Gómez Martínez, 2014: 422).

Almenara

O termo almenara designa uma candeia múltipla ou suporte que serviria para suspender ou elevar vários candis, servindo para alumiar um espaço fechado de consideráveis dimensões ou iluminar intensamente um espaço diminuto (Rosselló Bordoy, 1991: 174; Gómez Martínez, 2006: 484). Estes objectos são bastante raros, conhecendo-se a sua existência no Ġarb apenas em Mértola.

Descrição do exemplo utilizado (Fig. 5):

- I.II5. Cerâmica vidrada a branco. Século XII. Mértola, Alcáçova (Gómez Martínez, 2006: CR/CF/0036).

Conclusões

A longa história da iluminação comprova a importância da luz no quotidiano das populações. Vencendo as trevas e a obscuridade, permite o prolongamento do dia.

A evolução tecnológica e morfológica dos objectos de iluminação ao longo dos séculos é bastante profunda, ainda que às vezes pareça existir um certo regresso a soluções formais pré-existentes. Evoluindo a partir das lucernas greco-romanas, os candis apresentam diferenças morfológicas relativamente às suas antecessoras, nomeadamente no colo (que substitui o orifício de alimentação) e no bico de canal. Os almóadas difundem as candeias,

que convivem com os candis até ao desaparecimento destes. A simplicidade formal das candeias lembra as singelas lâmpadas da Idade do Bronze e as sidéricas fenício-púnicas, sugerindo uma morfologia de longa evolução. Por outro lado, o ressurgimento desta forma poderá relacionar-se com o aumento do cultivo de azeite no Sul do al-Andalus (Serrano, 2011: 77).

Terminamos, em jeito de homenagem, com as palavras de quem dedicou a sua tese de doutoramento ao estudo destas formas, o nosso Amigo e mestre Juan Zozaya: *El aceite pasó entonces a dejar de ser también un elemento de luces, para ser uno de paladares, pero aún nada supera la luz de una torcida empapada en aceite de oliva, luz clara y fuerte, de larga duración, apta para leer y que las luces no sean sólo físicas* (2007: 134).

Mértola, 2017

Bibliografia

- ÁLVARO SÁNCHEZ, Rocío (2000). Cerâmica almohade de Cacula Velha: primeros avances. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular - vol. VII Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, pp. 453-464.
- BARROCA, Mário Jorge; SANTOS, Maria José Ferreira dos, (2006). O cantil califal de Pedranil (Croca, Penafiel). In *Al-Ándalus Espaço de Mudança. Balanço de 25 anos de História e Arqueologia medievais. Homenagem a Juan Zozaya Stabel-Hansen*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 310-317.
- BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2001). O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueologia Medieval*, 7, pp. 111-145.
- BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Ana Sofia; SOUSA, Maria João (2007). Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros e Mandarin Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10:1, pp. 317-343.
- BUGALHÃO, Jacinta; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2005). Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo

- islâmico. In Mário Jorge Barroca e Isabel Cristina Fernandes (coords.) *Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. Actas dos Seminários realizados em Palmela e Porto em 2003. Palmela: Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp. 237-262.
- CALADO, Marco; LEITÃO, Vasco (2005). A ocupação islâmica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8:2, pp. 459-470.
- CARNEIRO, Sérgio; GOMES, Ana, (2005). Candis e trempes islâmicos do Museu da Região Flaviense. *Aquae Flaviae*, 33, pp. 108-115. Disponível em http://cmchaves.academia.edu/S%C3%A9rgioCarneiro/Papers/822509/Candis_e_trempes_islamicos_do_Museu_da_Regiao_Flaviense
- CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos (1994). Cerâmicas Muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal. *Arqueologia Medieval*, 3, pp. 101 a 111.
- CASMARRINHA, Helena Patrícia Saúde (2013). *Materiais Islâmicos do Sítio da Rua do Sembrano, Beja*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/10250>
- CATARINO, Helena (1988). *Para o estudo da ocupação muçulmana no Algarve Oriental*. Provas de Capacidade Científica. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.
- CATARINO, Helena (1997/98). *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*. *al'Ulyā*, 6, 3 volumes.
- CATARINO, Helena (2008). Cerâmicas do Castelo Velho de Alcoutim recolhidas em contexto de cozinha. In João Manuel Diogo (ed.) *Actas das 4.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 33-48.
- CAVACO, Sandra (2011). *O arrabalde da Bela Fria: contributos para o estudo da Tavira islâmica*. Dissertação de mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade do Algarve. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/3109>
- CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina (2016). *Trabalhos arqueológicos no Claustro do Convento de Nossa Senhora da Graça (2002). Relatório Final. Parte II. Análise dos Materiais Cerâmicos*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.
- COELHO, Catarina; LIBERATO, Marco; GOMES, Ana Sofia; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina, GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; SANTOS, Constança dos (2019). Vinte anos de cerâmica islâmica do Garb al-Andalus: ensaio crono-tipológico das formas abertas (2). *Atas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Serpa-Aroche, 24 a 26 de Outubro de 2014)*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa, pp. 685-696.
- DINIZ, Tânia; COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2012). Formas de cerâmica almóada provenientes do Convento da Graça (Tavira). *Arqueologia Medieval*, 12, pp. 169-177.
- FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, António Rafael (1993). *Arqueologia em Palmela - 1988/92*. Catálogo de exposição no castelo de Palmela. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.
- FILIPPE, Vanessa (2015). Islamic pottery from the Évora Municipal Museum. *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Campo Arqueológico de Mértola, vol. 1, pp. 84-92.
- FILIPPE, Victor; CALADO, Marco; GUERRA, Sandra; VALONGO, António; LEÓNIDAS, João; RAMOS, Romão; ROCHA, Margarida; COSTA, Jacinta; GINKUT, Natalia (2015). A cerâmica de importação no arrabalde ocidental de Luxbuna (Lisboa). Dados preliminares da intervenção realizada no Hotel de Santa Justa. *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Campo Arqueológico de Mértola, vol. 2, pp. 711-718.
- GAMITO, Teresa Júdice (2007). *O Algarve e o Magreb (711-1249)*. Faro: Universidade do Algarve.
- GARCIA, Cristina Tété (2015). *Cacela-a-Velha no Contexto da Actividade Marítima e do Povoamento Rural do Sudoeste Peninsular nos séculos XII-XIV*. Tese de doutoramento. Universidade de Huelva. Disponível em <http://hdl.handle.net/10272/11376>
- GOMES, Rosa Varela (2002). Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura. *Trabalhos*

- de Arqueologia*, 23. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, Rosa Varela (2003). Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: a Alcáçova. *Trabalhos de Arqueologia*, 35. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, Rosa Varela (2006). Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: o núcleo urbano. *Trabalhos de Arqueologia*, 44. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, Rosa Varela (2011). Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a zona da Arrochela, espaços e quotidianos. *Trabalhos de Arqueologia*, 53. Lisboa: IGESPAR.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2000). Contenedores de fuego en el Garb al-Andalus. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. vol. VII - Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, pp. 421-434.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2006). *Cerâmica Islâmica de Mértola: producción y comercio*. Tesis doctoral. Facultad de Geografía e Historia. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em <http://eprints.ucm.es/7087/>
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2014). *Cerâmica Islâmica de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2016). El arrabal portuario de Mértola (Portugal): el registro cerámico andalusí. *Onoba*, 4, pp. 181-196. Disponível em <http://rabida.uhu.es/dspace/bitstream/handle/10272/12480/El-arrabal.pdf?sequence=2>.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; SANTOS, Constança dos; COELHO, Catarina; LIBERATO, Marco; GOMES, Ana Sofia; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina (2015). A cidade e o seu território no Gharb al-Andalus através da cerâmica. *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo*, vol. I. Silves: Câmara Municipal de Silves/ Campo Arqueológico de Mértola, pp. 19-50.
- GONÇALVES, Maria José; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina (2007). Evolução tipológica de um conjunto de utensílios de iluminação de um arrabalde islâmico de Silves. *Vipasca Arqueologia e História* [CD-ROM]. Aljustrel. 2.ª série, 2, pp. 643-653.
- GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; SANTOS, Constança dos; COELHO, Catarina; LIBERATO, Marco; GOMES, Ana Sofia; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2015). Vinte anos de cerâmica islâmica do Garb al-Andalus: ensaio crono-tipológico das formas abertas (1). *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, pp. 1026-1041.
- KEMNITZ, Eva (1993/94). Candis da colecção do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*, Série 4, 11/12, pp. 427-472.
- MACIAS, Santiago (1993). Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico-arqueológico. *Arqueologia Medieval*, 2, pp. 127-157.
- MATOS, José Luís de (1991). Cerâmica Muçulmana do Cerro da Vila. In *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental (Lisboa, 16-22 de Novembro de 1987)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 429-456.
- PAIXÃO, António Cavaleiro; CARVALHO, António Rafael (2001). Cerâmicas almóadas de al-Qasr al-Fath (Alcácer do Sal). *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: Ministério da Cultura / IPPAR, pp. 199-229.
- PAULO, Luís Campos (2009). Medina Tavira e o Povoamento Islâmico do Sudeste Litoral Algarvio. *Xelb*, 9, pp. 579-595.
- PINTO, Maria Adelaide (2007). Praça da República de Beja. *Vipasca Arqueologia e História* [CD-ROM]. Aljustrel. 2.ª série, 2, pp. 519-530.
- ROSSELLÓ-BORDOY, Guillermo (1991). *El nombre de las cosas en al-Andalus: Una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca: Sociedad Arqueológica Luliana y Museo de Mallorca.
- SERRANO, Liliana (2011). *Lucernas, candis e candeias: para uma distribuição geográfica no território português*. Dissertação de mestrado em Arqueologia e Território. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/19172>
- SILVA, Ricardo Costeira (2014). A cerâmica dos níveis alto-medievais do fórum de Aeminium (MNMC, Coimbra). In Adriaan De Man; Catarina Tente

(coords.) *Estudos de Cerâmica Medieval O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 79-97.

TEICHNER, Felix (1998). A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão. In Hélder Abraços; João Manuel Diogo (eds.) *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 17-31.

TORRES, Cláudio (1987). *Cerâmica Islâmica Portuguesa*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

VASCONCELLOS, José Leite (1915). *História do Museu Etnológico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.

ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan (1999). Una discusión recuperada: candiles musulmanes de disco impreso. *Arqueología y Territorio Medieval*, 6, pp. 261-278.

ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan (2007). Los candiles de piqueta. *Tierras del Olivo. El olivo en la Historia*. Fundación *El Legado Andalusi*, pp. 125-135.